

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Cíntia Maria Campos Resende

OS VALORES FAMILIARES E O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO NOS  
ASPECTOS PESSOAIS E ESCOLARES

Monografia apresentada ao Curso de  
Pedagogia do Centro de Ciências Humanas da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
orientado pela professora Rita Manso.

Rio de Janeiro  
2006

CÍNTIA MARIA CAMPOS RESENDE

OS VALORES FAMILIARES E O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO NOS  
ASPECTOS PESSOAIS E ESCOLARES

Rio de Janeiro

2006

DEDICATÓRIA:

Dedico esta monografia à minha mãe, que sempre me apóia nas minhas escolhas, mesmo quando eu decido coisas como ir morar do outro lado do mundo! Obrigada por nunca ter pedido para que eu voltasse, mesmo estando com muitas saudades.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço à professora Rita Manso por ter aceitado me orientar.

EPÍGRAFE:

“PARA SER GRANDE,  
SÊ INTEIRO:  
NADA TEU EXAGERA OU EXCLUI.  
SÊ TODO EM CADA COISA.  
PÕE QUANTO ÉS NO MÍNIMO QUE  
FAZES. “

(FERNANDO PESSOA)

## RESUMO

O trabalho apresentado se propôs a esclarecer a influência da família no desenvolvimento do sujeito. Para tanto, foram realizadas diversas pesquisas e consultas bibliográficas, entrevistas de campo com pais, adolescentes e uma psicóloga, que foram fundamentais para o embasamento da pesquisa. As questões aqui levantadas apontaram que a família, assumindo a função de principal educadora do sujeito, assim contribuindo para que seus filhos tenham sucesso na vida escolar. Destaca-se o relacionamento dos adolescentes com seus pais, seus conflitos e frustrações. A condição fundamental para a conquista de uma vida mais feliz é a proposta de um desenvolvimento monitorado pelo apoio dos pais, que devem estar sempre presentes e, desta forma, conseguindo assegurar através dessa influência, o real equilíbrio.

Palavras-chave: família, escola, aprendizagem

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO.....	3
1.1 Conceito de família .....	3
1.2 Valores de base e apoio familiar .....	4
1.3 As transformações familiares .....	7
1.4 Percebendo as responsabilidades.....	9
OS PAIS E A ESCOLA.....	11
2.1 Qual a função da escola? .....	11
2.2 A relação entre professor e aluno.....	11
2.3 A relação entre alunos.....	15
2.4 Busca pelo sucesso na escola.....	17
2.5 O caminho para a integração .....	18
O RELACIONAMENTO DOS ADOLESCENTES COM OS PAIS.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	31
ANEXO.....	33

## OS VALORES FAMILIARES E O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO NOS ASPECTOS PESSOAIS E ESCOLARES

### Introdução

Durante todo o período em que estive na faculdade de Pedagogia, sempre me interessei por temas ligados à Psicologia, especialmente os relacionados à família.

Sempre observo como minhas tias promovem a educação de suas filhas, como impõe limites, ou não, e principalmente, como lidam com assuntos relacionados à escola.

Com relação à escola, percebi que na grande maioria das vezes, elas criam situações que fazem com que as crianças sintam-se inatingíveis, colocando sempre as professoras como erradas. Todos os tipos de “desculpas” são usados, tanto para justificar notas ruins, quanto para considerar o professor como um mal profissional. Considerando esta atitude de minhas tias impropriedade, em alguns casos, procuro interferir, pois tenho a certeza que isso é péssimo para a formação dessas crianças, principalmente moralmente, podendo acarretar sérios reflexos em sua vida adulta.

Decidi então, fazer deste, o tema da minha monografia. Meu principal objetivo é mostrar como a família influencia no desenvolvimento de seus filhos e como os adolescentes têm se relacionado com seus pais, numa sociedade em que as pessoas têm cada vez menos tempo para conversar e entender o outro.

Pode-se dizer que a primeira fonte de aprendizagem para a criança é estabelecida pela família. É através dessa vivência que a criança começa a criar sua auto-imagem, bem como o modo de se relacionar com o conhecimento. Os exemplos observados pelos filhos são capazes de influenciar fortemente na personalidade dessa criança.

É devido à importância do papel da família durante o desenvolvimento do indivíduo, que se torna válido questionar: de que forma a família pode contribuir para o desenvolvimento de seus filhos nos aspectos pessoais e escolares?

Através desse trabalho monográfico são procuradas algumas respostas a estes questionamentos, levando em conta que esse assunto possui muitas vertentes, não sendo possível tê-lo como definitivo.

O trabalho foi dividido em 3 capítulos. No primeiro, são feitas considerações a respeito da família, abordando as complexas transformações pelas quais tem passado.

O segundo capítulo visa debater o papel dos pais na vida escolar dos filhos, através de sua ativa participação na escola, das relações que nela encontramos, do estímulo para haver um bom desenvolvimento e como direcioná-los ao sucesso escolar percebendo que a motivação é essencial.

Enfim, no terceiro capítulo, realizei uma pesquisa de campo com adolescentes e alguns pais. Entrevistei 10 adolescentes que responderam a um questionário, que encontra-se em anexo, com perguntas sobre seu relacionamento com seus pais.

Conversei também com uma psicóloga, sobre as relações familiares, principalmente com os adolescentes. Segundo ela, a falta de limites e a facilidade para se conseguir tudo que se quer são os principais erros que os pais tem cometido.

Para a elaboração dessa monografia, utilizei uma bibliografia que vai desde Paulo Freire, Lacan, passando por Alicia Fernández até livros para adolescentes.

## A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO

Pais e filhos precisam crescer juntos: a cada etapa do desenvolvimento é preciso fazer ajustes na maneira de lidar com as situações que surgem. (MALDONADO, 2002:30)

### 1.1 Conceito de família

O núcleo familiar organiza-se de acordo com a condição histórica e estrutura social. Em nossa sociedade ele é composto por pai, mãe e filhos – muito embora, hoje em dia não podemos dizer que o núcleo familiar é composto desta forma, pois muitas famílias já se formam diferentes, pais separados, filhos criados pelos avós, casais homossexuais etc. Ele baseia-se em uma ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como tem finalidade a transmissão de valores e de normas impostas pela sociedade, de raciocínio e imaginação, de discernimento, do senso de responsabilidade.

A vida familiar se apresenta em praticamente todas as sociedades humanas, mesmo que sob distintas configurações, como diria Lévi Strauss.<sup>1</sup> Através da família constroem-se atitudes perante a aprendizagem e o direcionamento ao saber.

O grupo familiar deve garantir o provimento das crianças, para que elas futuramente exerçam atividades produtivas para a própria sociedade, e deve educá-las, para que elas tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura que vivem. (BOCK et alli, 1995: 238).

É a postura da família que vai definir, em grande parte, a conduta a ser seguida pela criança bem como seu modo de enxergar as condições do seu dia-a-dia.

A família tem, na maioria das vezes, um caráter conservador. Obviamente, elas não são todas iguais, ou seja, encontramos famílias mais liberais e outras mais tradicionais. Porém, de uma forma geral, a família é reprodutora das normas e valores sociais.

Segundo o psicanalista francês Jacques Lacan:<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> ROUDINESCO, Elizabeth. A família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio são com elas disputadas por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente chamada materna. Com isso, ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico (1993: 13).

Em nossa estrutura social, a família tem a função de inserir o indivíduo na sociedade, por conta disso, é correto dizer que "a família é controlada para poder controlar." (BOCK et alli, 1995: 241) <sup>3</sup>

### 1.2 Valores de base e apoio familiar

Em relação à questão dos valores, o exemplo passado pelos adultos que convivem com as crianças, é muito mais forte que qualquer palavra. Para Paulo Freire <sup>4</sup> as palavras que os educadores pregam, de nada valem se não forem fixadas pelo exemplo:

O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, desarmada, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem acha nos guias de professores (...). (FREIRE, 1996:38).

Quando a criança dispõe de uma "superproteção" para impedi-la de viver de suas frustrações, ela tende a ser mais dependente e sem iniciativa para tomar suas próprias decisões. Por outro lado, se ela não se sente amparada por sua família, é provável que haja um sentimento de insegurança e infelicidade.

---

<sup>2</sup> LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. Ensaio de análise de uma função em psicologia. Tradução Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Junior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

<sup>3</sup> BOCK, Ana M. Bahia, FURTADO, Odair e TEIXEIRA, M<sup>a</sup> de Lourdes T.. Psicologias – Uma introdução ao estudo de psicologia. - São Paulo: Saraiva, 1999.

<sup>4</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saber necessários à prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1998.

É fundamental que a família imponha limites para que a criança desenvolva uma personalidade adequada. Contudo, esses limites implicam em equilíbrio, para não prejudicarem a autonomia dessas crianças em diversas situações.

Muitos pais confundem o significado da palavra “amor” e, com isso, realizam todos os desejos de seus filhos, atrapalhando a formação da criança, pois ao satisfazerem seus desejos, tiram a oportunidade de criarem um ideal e objetivo que lhes obrigariam a lutar para conseguir. A família deve satisfazer as necessidades e não as vontades do filho.

Um dos princípios básicos da Psicanálise, é o da *causalidade*, que diz: nada acontece por acaso na mente humana, “podemos não perceber as relações de causalidade, mas elas existem.”<sup>5</sup> Segundo este princípio, três estruturas compõe a mente do sujeito: *id*, *ego*, *superego*. Cada uma delas corresponde a um grupo de conteúdos e processos mentais que se relacionam funcionalmente.

No *id*, estão as representações psíquicas dos impulsos, que possuem duas naturezas básicas – a sexual e agressiva. Quando os impulsos entram em ação, produzem um estado de excitação psíquica, que impulsiona o sujeito para a atividade. O *id* funciona, ao longo de toda a vida, segundo leis próprias, que nada tem a ver com a lógica.

As leis próprias de funcionamento do *id* caracterizam o chamado “processo primário”<sup>6</sup>. As características do processo primário refletem-se em muitos aspectos na vida adulta.

A segunda grande estrutura psíquica é o *ego*, cujas funções se ligam à relação do indivíduo com o seu ambiente.

A criança estrutura seu *ego* durante o período de desenvolvimento, que vai do nascimento até a puberdade. O processo de diferenciação do *ego* estende-se em média do seis, oito meses de idade, até cerca dos dois, três anos. Seu desenvolvimento progressivo está ligado à maturação do sistema nervoso e à aquisição de experiências pela criança, através da relação com o próprio corpo ou com os objetos.

---

<sup>5</sup> Extraído do texto “quando entro no escritório, deixo de lado de fora meus problemas e preferências pessoais”

<sup>6</sup> Segundo Freud, o processo primário caracteriza o sistema inconsciente. A energia psíquica escoase livremente, passando sem barreiras de uma representação para outra segundo os mecanismos de deslocamento e de condensação; tende a reinvestir plenamente as representações ligadas às vivências de satisfação constitutivas do desejo.

As primeiras funções do *ego* estão relacionadas à aquisição do controle motor, ao desenvolvimento da percepção, da memória, dos sentimentos e das emoções. Inicialmente, relaciona-se com o ambiente promovendo a descarga das energias do *id*. Porém, após a segunda metade do primeiro ano de vida, o *ego* passa também a controlar e combater essas energias.

Aos poucos, o funcionamento do *ego* deixa de ser regido pelas leis do processo primário e passa a ser dominado pelo processo secundário, que caracteriza-se pelo pensamento consciente, verbal.

A maturação do sistema nervoso e as experiências de frustração começam a permitir à criança a diferenciação entre o "eu" e o "não-eu". O *ego* adquire a capacidade de distinguir entre os estímulos ou percepções que vêm do mundo externo e os que surgem dos desejos e impulsos do *id*.

Por volta dos três anos, as relações das crianças com as pessoas ou coisas já possuem um alto grau de estabilidade. Nessa fase, a relação mais forte que se estabelece é com a mãe. À partir daí, até por volta dos seis anos, desenrola-se o "complexo de Édipo".

De acordo com Laplanche e Pontalis (1997)<sup>7</sup>, o complexo de Édipo pode ser assim definido:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia; para cada tipo patológico eles procuram determinar as formas particulares da sua posição e da sua solução (LAPLANCHE E PONTALIS, 77: 1997).

Segundo Lacan,

---

<sup>7</sup> LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

O complexo de Édipo, ao mesmo tempo que marca o ápice da sexualidade infantil, também é o móvel da repressão que reduz suas imagens ao estado de latência até a puberdade; se ele determina uma condensação da realidade no sentido da vida, também é o momento da sublimação que no homem abre sua extensão desinteressada para essa realidade (1987: 49)

O complexo de Édipo, só irá se resolver por volta dos seis anos, e o *superego* o substituirá. Ele é o responsável pelas funções morais da personalidade da criança.

Nos anos seguintes, o *superego* adiciona aos seus valores as exigências sociais e culturais que lhe chegam pela educação, pela religião e por outras formas de influencia grupal, assim perpetuando o código moral da sociedade.

### 1.3 As transformações familiares

A família sofreu grandes transformações, acompanhando as mudanças da sociedade em geral. O jovem, que hoje se classifica a partir de, aproximadamente, quinze anos, foi no passado pensado na mesma faixa etária de uma criança.

Nesse momento, no qual não havia separação, o que era dos adultos também pertencia ao mundo infantil. Com apenas sete anos de idade, a criança já podia ser mandada para o mestre ou clérigo, que era encarregado de ensiná-lo o conhecimento.

A partir do século XV, houve uma transformação. Uma nova concepção passa a exigir maior disciplina no comportamento moral. A criança começa a freqüentar a escola. A diferença desta para a outra forma de ensinar é que as crianças iam constantemente ver seus pais e mantinham um laço de afetividade com eles. Antes, elas nem sequer construíam esse laço, e às vezes não retornavam ao seio familiar após terem terminado o aprendizado.

Nesse momento, cria-se uma nova relação entre a família e a criança: por um lado há maior controle e exigência da primeira, e por outro há uma relação de amor entre os mesmos. As crianças perdem a liberdade, pois sua infância é protegida, a educação tem o cuidado de manter a inocência dessas.

Essa nova relação ainda não tinha a dimensão dos tempos atuais. Somente nos séculos XVI e XVII, aproximadamente, é que a criança passa a ter um lugar de verdadeira importância para os pais, o que modifica o modelo familiar anterior.

Apesar desse avanço, há um novo problema que foi surgindo: a hierarquização familiar, na qual o pai, chefe da família está no topo. Sua função era

garantir a educação e o bem-estar dos filhos e da esposa. A família, portanto, passa a existir enquanto valor. No entanto, essa realidade era ainda restrita a população mais abastada. As famílias mais pobres ainda viviam a ultrapassada relação medieval. Apenas no século XIX que essas famílias irão se modernizar.

A sociedade sempre ditou que a família tradicional é a originada de um único casamento; a que vive normalmente sem quebrar regras existentes; é a que se multiplica e submete a mulher e os filhos à autoridade do pai, o considerado chefe de família.

Atualmente, o modelo patriarcal sofreu muitas modificações. Em muitas famílias, não há mais a presença da figura paterna e seu alicerce é a mãe. A família passa a significar lugar onde há vínculos afetivos e comprometimento múltiplo.

Num sentido amplo, a família sempre foi definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendendo uns aos outros: um genos, uma linhagem, uma raça, uma dinastia, uma casa, etc. (ROUDINESCO, 2003:18).

A mulher, antes vista como submissa, passou a assumir sua autonomia e a viver uma relação não só de companheirismo, como de disputa com os homens. Os divórcios, uniões temporárias, uniões homossexuais, entre outros, são frutos dessa mudança.

Analisando a evolução histórica e cultural da família, verificamos que sua desordem atual implica na saúde de seus membros, em particular, da ordem emocional.

Cada vez mais freqüentemente concebidos fora dos laços matrimoniais os filhos assistem, uma vez em cada três, às núpcias de seus pais, doravante unidos não para a duração de uma vida, mas em mais de um terço dos casos, para um período aleatório que se consumará com um divórcio – consentido, passional ou litigioso -, e para as mulheres, com uma situação dita "monoparental". (ROUDINESCO, 2003: 197).

Em se tratando de casais gays, há uma luta para se afirmarem em nossa sociedade, extremamente homofóbica e preconceituosa. Pesquisas realizadas nos Estados Unidos e publicadas entre 1973 e 1995,<sup>8</sup> "buscavam testar as aptidões

---

<sup>8</sup> Estima-se atualmente que 10% dos homossexuais americanos e canadenses estão na categoria dos pais gays e lésbicos, seja porque vivem com companheiro do mesmo sexo depois de terem

psicológicas dos homossexuais para serem pais, e depois determinar se seus filhos eram suscetíveis ou não de se tornarem homossexuais, depressivos" (ROUDINESCO, 2003: 190).

Esses pais, têm a "obrigação" de provar à sociedade que são bons pais e que seus filhos adotados, procriados artificialmente ou vindos de famílias recompostas se comportam tão bem quanto aqueles criados nas famílias heterossexuais, não havendo relação direta entre a opção sexual e a capacidade de criação e educação dos filhos.

Essas novas definições de família e a liberdade alcançada nos anos dourados trouxeram uma nova realidade para dentro de casa. Enquanto a hierarquia e a disciplina foram sendo amenizadas, surgiu uma nova busca pela maneira certa de criar seus filhos.

#### 1.4 Percebendo as responsabilidades

Ter autonomia é ensinar a ter responsabilidade e isto implica, também, no estímulo ao pensamento. Muitas famílias dizem o que a criança deve fazer. Tal atitude faz com que as crianças acabem se acostumando a não precisarem pensar, pois sempre terão quem pense por elas, o que causa um sério dano à autonomia do indivíduo.

Quando a criança é bem pequena, é necessário ensinar que é preciso escovar os dentes, lavar as mãos, etc. Mas quando ela adquire alguma noção sobre o que deve fazer, a família deve aconselhar que, a mesma, passe a se auto-observar para descobrir se está agindo da maneira correta.

O mesmo acontece em relação às atividades escolares, que são de responsabilidade da criança e, portanto, precisam ser assumidas por ela. Com certeza, toda criança carece de uma orientação quanto à importância dos estudos, mas os pais precisam permitir que seus filhos entendam que esse compromisso depende apenas deles e não deve ser atribuído aos adultos.

Algumas famílias acreditam na idéia de que amar é assumir as responsabilidades dos filhos, ao invés de deixá-los amadurecer. Esta atitude, mesmo que bem intencionada, pode provocar angústia e fazer com que a criança pense que

---

separado da mãe ou do pai de seus filhos (...), seja porque adotaram filhos como solteiros, seja porque recorreram a inseminações espontâneas entre um pai e uma mãe homossexuais (...)

seus pais não confiam nela. O fato é que a criança necessita assumir suas responsabilidades, conforme seu processo de desenvolvimento e não como os pais gostariam que ela assumisse, ou como fariam se estivessem em seu lugar.

No caso dos jovens, instigá-los a se tornarem indivíduos independentes é peça chave da educação moderna. “Em nossa cultura, um sujeito será reconhecido como adulto e responsável na medida em que viver e se afirmar como independente, autônomo – como os adultos dizem que são” (CALLIGARIS, 2000: 17)

Portanto, contribuir para a construção de autorias de pensamento, também compreende abrir espaço para que o sujeito reflita, assuma suas responsabilidades e, até mesmo, arque com as conseqüências de suas ações, mesmo que isto seja ou se torne difícil para a família. A questão é que o equilíbrio, nestas situações, se torna a melhor solução, ou seja, é uma forma de oferecer segurança sem prejudicar a autonomia.

## OS PAIS E A ESCOLA

A família tem as suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (PAROLIN, 2003: 99).

### 2.1 Qual a função da escola?

A escola tem a função de organizar situações que permitam o aprimoramento dos processos de pensamento e da própria capacidade de aprender.

Muito antes de entrar na escola, a criança já desenvolve hipóteses e constrói um conhecimento sobre o mundo. Vivendo em sociedade, a criança aprende a planejar, direcionar e avaliar a sua ação. Ao longo desse processo, ela comete erros, reflete sobre eles, se aprimora e enfrenta a possibilidade de corrigi-los.

A tarefa de ensinar não está concentrada apenas nas mãos dos professores. O aluno não aprende apenas na escola, mas também através da família, amigos, dos meios de comunicação, das experiências do cotidiano, etc. Porém, a escola é a instituição social que se apresenta como responsável pela educação sistemática das crianças.

Na escola a criança sofre uma grande transformação em sua forma de pensar. Antes de frequentá-la, os conhecimentos são assimilados de forma espontânea. Depois do ingresso na escola as situações de aprendizagem são organizadas de forma sistemática, através de livros e outros recursos pedagógicos, pela figura do professor.

### 2.2 A relação entre professor e aluno

Dentro deste quadro, o professor é o elemento intermediário entre o conteúdo e o aluno. É ele quem determina, em grande parte, com suas atuações, que a atividade do aluno seja mais ou menos construtiva, que seja orientada em um ou outro sentido e, definitivamente, que gere algumas aprendizagens determinadas. É preciso entender muito bem o que seu aluno expressa, pois muitas de suas dificuldades, têm uma relação intrínseca com sua família. Cabe então, ao professor examinar mais precisamente qual a relação que o aluno tem com sua família e na medida do possível, tentar ajudá-lo.

A escola é vista e representada pela figura do professor e suas atitudes tem grande significado. Cabe a ele estimular a capacidade de pensar e contribuir para a autonomia de todos os alunos, sem distinção. Para isso, é necessário ser ético, sabendo aceitar e respeitar as opiniões de seus alunos.

O professor também deve ignorar quaisquer preconceitos, inclusive no que se refere ao novo, ao que pode ser uma quebra de paradigmas.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. (FREIRE, 1996: 36).

Existe uma relação direta entre o comportamento do professor, sua forma de ensinar e os resultados dos alunos. Um primeiro problema consiste em que nem sempre se define com clareza o que se entende por resultados dos alunos, que tipo de aprendizagem se pretende que efetuem.

Segundo Correa, com a necessidade de desvendar o que realmente acontecia no espaço escolar, novos instrumentos de observação foram desenvolvidos. São os chamados sistemas de categorias.

São um marco na investigação educativa que privilegia a busca de relações entre as variáveis relativas ao processo de ensino, informando sobre o comportamento do professor, do aluno e sobre as interações entre eles e o nível dos resultados dos objetivos educativos por parte dos alunos. Eles aparecem como instrumentos capazes de descrever o que ocorre em sala de aula, de forma objetiva. Nesses sistemas são codificados os comportamentos verbais e não verbais do professor e dos alunos (CORREA, 2006: 21).

Porém, a maior objeção que possa ser formulada aos sistemas de categorias, é que ele refere-se exclusivamente aos comportamentos observáveis exibidos pelo professor e pelos alunos, ignorando assim os aspectos intencionais da conduta e qualquer processo interno que não fosse observável. “Os sistemas de categorias não registram propriamente a interação professor/aluno, mas se ocupam de efetivar um inventário de seus comportamentos.” (CORREA, 2006: 23)

As relações causais entre o comportamento do professor e o resultado acadêmico dos alunos nem sempre são claras. Três questões são importantes:

- 1) deve-se levar em conta o nível de aprendizagem e característica dos alunos, além de outros fatores;

2) a aprendizagem escolar é sensível à quantidade de tempo que os alunos dedica às tarefas;

3) os alunos aprendem mais quando os professores estruturam o novo conteúdo a ser assimilado, ajudando seus alunos a relacionar o conteúdo com aquilo que já sabem.

Flanders<sup>9</sup> destaca dois estilos de ensino: direto e indireto. Segundo o autor, quando o professor aceita os sentimentos dos alunos, elogia ou estimula, aceita ou faz uso de suas idéias, está utilizando o estilo indireto. Com isso, produz níveis de aprendizagem mais elevados por parte dos alunos. Já a influencia direta, é caracterizada por críticas, e uso da autoridade por parte do professor.

Coll e Solé (1996) destacam duas coordenadas teóricas num novo conceito de interação professor/aluno: a atividade construtivista dos alunos na aprendizagem escolar e a forma de entender o papel do professor na organização, manutenção e orientação da atividade construtivista dos alunos.

Conhecimentos; capacidades; destrezas prévias; percepção da escola; do professor e de suas atuações; expectativas e atitudes diante do ensino; a escola e o professor; motivações; interesses, crenças e atribuições, entre outras (citado por COLL e SOLE, 1996: 287)

De acordo com Correa, "a atividade construtivista do aluno surge como um elemento mediador entre a influencia educativa do professor e os resultados da aprendizagem" (2006:26). Hoje, sabemos que o ser humano seleciona, assimila, processa e confere significação aos estímulos, porém, até a década de 1950, acreditou-se que poderia ser facilmente modelado. A atividade construtiva do aluno surge como um elemento mediador entre a influência educativa do professor e os resultados da aprendizagem.

A educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento ontogenético <sup>10</sup>, segundo Vygotsky. "Ela é produto principalmente das interações que se estabelecem entre o sujeito que aprende e os agentes mediadores da cultura – professores, pais, educadores, dentre outros" (CORREA, 2006:28). Esta influência educativa pode ser promotora de desenvolvimento, quando consegue arrastar a

---

<sup>9</sup> Ned Flanders, tomou-se Ph.D. em Psicologia Educacional. Dedicou-se ao estudo sobre a eficácia de ensino e desenvolveu um sistema conhecido como Sistema de Flanders, que se tomou referencia na área.

<sup>10</sup> Diz respeito às transformações sofridas pelo indivíduo desde a fecundação até o ser completo.

criança através da zona de desenvolvimento proximal, convertendo em desenvolvimento real aquilo que, em princípio, é unicamente um desenvolvimento potencial.

Ainda segundo Correa, "o desenvolvimento potencial pode ser entendido como a capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adulto ou de companheiros mais capazes." (2006:28). O ajuste das intervenções do professor, para as dificuldades que a criança encontra durante a resolução conjunta da tarefa, parece ser um elemento determinante do impacto da influência educativa, de sua capacidade para criar zonas de desenvolvimento proximal na interação que se estabelece entre ambos e de que o processo de interiorização seja produzido de forma fluida e sem rupturas.

Assim, de acordo com Vygotski (1991),

A distância entre o nível real do desenvolvimento pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da resolução de um problema, sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais capaz (VYGOTSKI, 1991:97).

Outro conceito muito importante nessa relação de aprendizagem entre professor e aluno é "Andaimaria". Esse conceito foi introduzido por Jerome Bruner <sup>11</sup> no ano de 1975. Parte do princípio que a linguagem se desenvolve nas crianças por meio de interação social. O nome proposto por ele foi *scaffold*, que significa andaime.

Bruner, propõe dois componentes. O primeiro seria a "escora ou andaime" e corresponde à ajuda adulta, por meio da interação. O segundo componente é o da predisposição/propensão inata da criança a ter uma linguagem e uma interação social ativa.

Esse conceito quer resultar ao mesmo tempo o caráter necessário das ajudas, dos andaimes que os agentes educativos prestam ao aprendiz, e seu caráter transitório, já que os andaimes vão sendo retirados, de forma progressiva, à medida que o aprendiz vai assumindo maiores cotas de autonomia e de controle na aprendizagem.

Segundo Costa, essa noção passou a ser usada em estudos sobre a interação em sala de aula, no contexto de aprendizagem e construção do

conhecimento. Essa forma de assistência “implícita ao andaime de Bruner é entendida na escola como ações pedagógicas do adulto-professor, que permitem a aprendizagem de tarefas complexas” (1999: 47). Ainda segundo a autora, nem todas as situações que utilizam os “andaimes” levam ao êxito, pois nem sempre essas atividades resultam em colaboração produtiva.

A sala de aula é um espaço regido por uma série de regras, que por serem respeitadas permitem que o professor e os alunos possam comunicar-se e alcançar os objetivos a que se propõem. O que acontece na sala de aula, aquilo que fazem e dizem o professor e seus alunos, é o resultado de um processo de construção conjunta. O professor e os alunos constroem juntos essas duas estruturas e sua articulação à medida que transcorrem as atividades. É necessário, então, que o professor tenha um bom relacionamento com seus alunos, para que consiga transmitir da melhor maneira possível o conhecimento pretendido.

### 2.3 A relação entre os alunos

Os próprios alunos podem exercer, em determinadas circunstâncias, uma influência educativa sobre os colegas, o que poderá ser extremamente benéfico a todos os participantes. Segundo Correa, “a utilização da interação entre os pares, no contexto da sala de aula, pode ser uma valiosa estratégia educativa para a aquisição de competências e destrezas sociais, assim como para a promoção do desenvolvimento intelectual” (2006:51).

A relação entre os alunos pode incidir em diversos aspectos, tais como: o processo de socialização, a aquisição de competências sociais, o controle dos impulsos agressivos, a relativização dos pontos de vista e o incremento das aspirações e do rendimento acadêmico.

Mas não basta deixar que os alunos interajam livremente.

De acordo com a Teoria do campo de Lewin, segundo Johnson<sup>12</sup>, quando o professor organiza uma tarefa na sala de aula, existem três tipos de estruturas de metas que podem ser consideradas: a cooperativa, a competitiva e a individualista.

Estrutura cooperativa é aquela em que os objetivos perseguidos pelos participantes estão vinculados entre si, de tal forma que cada um deles pode alcançar seus objetivos se, e somente se, os outros alcançarem os seus.

---

<sup>11</sup> Psicólogo americano, começou a carreira na década de 1940.

<sup>12</sup> Citado por Collomina & Coll, 1996

Estrutura competitiva é aquela em que o aluno pode alcançar a meta que se propõe se, somente os demais alunos não puderem alcançar a sua. De forma que cada participante persegue resultados pessoais, benéficos a ele mesmo e prejudiciais para os demais alunos com os quais esteja competindo. Estrutura individualista é aquela em que não existe relação entre os resultados dos objetivos ou metas propostas. Cada aluno procura suas próprias metas, e seus resultados são individuais. (CORREA, 2006: 44)

As experiências de aprendizagem cooperativa favorecem o relacionamento entre os alunos e também com os professores. A aprendizagem flui de uma maneira muito positiva, com ênfase ao companheirismo, respeito mútuo entre as partes, etc.

Na aprendizagem cooperativa, Damon e Phelps <sup>13</sup> identificaram três principais tendências educativas: a tutoria, onde um aluno considerado mais competente instrui os outros que são considerados novatos; a aprendizagem cooperativa, na qual o grupo é dividido em subgrupos que desenvolvem uma atividade preestabelecida; e por fim a colaboração entre os iguais, onde dois ou mais alunos relativamente novos em uma tarefa trabalham juntos durante todo o tempo de resolução de atividade.

Neste tipo de aprendizagem, a interação entre os alunos ocorre com mais frequência que a relação professor/aluno. A tarefa cooperativa é muito importante, pois assim há uma ajuda mútua entre os alunos. As atividades coletivas rendem mais que as individuais, porém em certas ocasiões o trabalho coletivo não dá resultado imediato.

Segundo pesquisas da Escola de Genebra <sup>14</sup>, na qual "se pesquisou o impacto da relação entre iguais no processo de socialização e desenvolvimento intelectual" (COLLOMINA & COLL, 1996; PONTECORVO, 2005) , chegou-se a seguinte resposta para essa questão:

O trabalho coletivo não dá frutos imediatamente, durante a realização da tarefa, principalmente em produções individuais. Dessa forma, a interação social pode ser o ponto de partida de uma coordenação cognitiva, com efeitos posteriores na aparição de competências individuais. (COLLOMINA & COLL, 1996: ).

Ainda de acordo com a pesquisa, quando não se observa progresso nas competências intelectuais dos alunos, é porque alguém está impondo seu ponto de

---

<sup>13</sup> *idem*

<sup>14</sup> Liderados por Perret-Clermont, Doise e Mugny.

vista aos outros, que limitam-se a adotá-los. Para que essa interação tenha efeitos positivos, são necessários requisitos mínimos necessários que permitam que seja compreendida a divergência existente entre os pontos de vista. Segundo Correa, "quanto mais heterogêneos forem os membros do grupo, maior a possibilidade de aparecerem controvérsia no decorrer da atividade" (2006:49).

Enfim, a interação entre os pares é uma importante ferramenta para promover o desenvolvimento cognitivo desses alunos, proporcionando uma valiosa aquisição de competências.

#### 2.4 A busca pelo sucesso na escola

Para que haja um bom resultado na vida escolar, é preciso antes, haver um bom relacionamento com a família. "O ingrediente essencial para o êxito da maioria das crianças na escola é uma relação positiva com os pais e com o envolvimento deles em assuntos intelectuais." (BETTELHEIM, 1988: 64)

Muitas vezes, é defendida a idéia de que um bom desempenho escolar está relacionado à atividade pedagógica do professor. No entanto, o papel fundamental pertence à família. Porém, essa compreensão só é alcançada quando há uma percepção de sua importância nesse âmbito e, para isso, é necessário entender o que é motivação.

Como afirma Tapia (1996)<sup>15</sup>,

Os conteúdos, o modo como são apresentados, as tarefas, o modo como são propostas, a maneira de organizar a atividade, o tipo e a forma de interação, os recursos, as mensagens dadas pelo professor, a avaliação- a pessoa que a faz, a forma em que se faz e o contexto em que se inscreve, algumas vezes motivam os alunos e em outras não (TAPIA, 1996:161) .

As origens do comportamento humano são duplas, formados por estímulos externos e pelas disposições internas, sendo que as necessidades orgânicas, as atitudes e os interesses são motivos que instigam o indivíduo à ação e à atividade objetiva, determinando uma forma de comportamento. Os motivos se processam no interior do sujeito e a motivação implica em direção, ou seja, as metas para onde o comportamento é conduzido.

---

<sup>15</sup> Texto: Motivação e aprendizagem escolar.

O estímulo, por meio da família e também pelo meio social, pode influenciar na construção da personalidade da criança, em relação a alguns valores como o respeito, o amor e o conhecimento. A criança precisa internalizar um certo "carinho" pelos estudos, ou seja, os pais precisam instigar um vínculo afetivo da criança com o conhecimento. Quanto ao direcionamento dos motivos, que são relacionados à motivação, os pais têm outra função especial: esclarecer aos filhos o porquê de estarem estudando. A criança precisa criar consciência sobre a importância dos estudos e ter objetivos traçados.

O bom desempenho escolar é uma questão complexa, visto que é comum observarmos perspectivas diferentes entre pais e filhos gerando, muitas vezes, alguns desentendimentos. Enquanto os pais aspiram que a criança obtenha um bom resultado na escola, motivados por uma preocupação com o futuro, a criança se interessa muito mais pelo presente. Desta forma, a insatisfação dos pais pode ser significativa para ela, porque acontece "agora", mas o motivo de tal insatisfação, ou seja, a preocupação com o futuro não lhe parece ter sentido.

Na verdade, os pais precisam preocupar-se com o desempenho de seus filhos na escola, mas o interesse precisa estar voltado para o dia-a-dia.

Quando a criança possui todos os requisitos para ter êxito na escola e não tem, é porque há razões mais fortes capazes de provocar o fracasso. Sendo assim, quando os pais não enxergam os motivos que fazem a criança se sair mal nos estudos, a tendência é culpá-la, considerando-a irresponsável.

Estaríamos cometendo um grande erro, se pensássemos que os problemas escolares são resultado de um plano traçado pela criança, pois os motivos que a impulsionam a não progredir na escola podem ser desconhecidos até para elas mesmas.

A escola tem a aspiração de, em seu projeto político pedagógico, se comprometer com o desenvolvimento da autonomia de seus alunos. Cabe à família, então, se interessar pelo conhecimento da filosofia da instituição de ensino onde matriculam seus filhos.

## 2.5 O caminho para a integração

A educação não é uma preocupação que atinge somente aos pais, mas também aos educadores.

As crianças sofrem influências a todo instante, seja junto aos meios de comunicação, ao ciclo de amizade e também através da escola, o que nos faz concluir que o processo educativo é componente importante na educação de cada filho. Os pais devem estar atentos às atitudes e a tudo o que faz parte da convivência dos filhos. Por conta disso, sua participação na escola é indispensável.

A educação não pode ficar apenas sob a responsabilidade da família ou da escola. Portanto, é necessário que exista um compromisso efetivo dos pais, professores e alunos em todas as atividades propostas. Atualmente, está havendo uma necessidade de aproximar as famílias da escola, pois é fato que houve um afastamento maciço dos pais em relação a ela nas últimas décadas.

É de extrema importância que a família esteja e seja presente na escola, ajudando inclusive, em algumas decisões. Entrar em contato com a Associação de Pais e Mestres ou fazer parte dela pode ser um começo. Os pais conhecem as necessidades de seus filhos e podem utilizar este conhecimento para ajudar que a escola seja um lugar mais agradável para eles, através de sugestões e opiniões.

Profissionais da educação vêm tentando trazer as famílias para perto. Com isso, querem possibilitar a reflexão conjunta sobre o fracasso e os resultados da prática escolar. Duas diretrizes básicas devem ser adotadas para que haja essa aproximação: elaboração de novas estratégias e formulações práticas a serem adotadas pela escola. Logicamente, a falta dessa troca acaba prejudicando a criança e limitando seu amadurecimento.

As escolas queixam-se que os pais só se interessam em saber se o filho passou ou não de ano. Essa é a única maneira que os pais usam para medir se a escola é eficiente ou não. Alguns educadores afirmam que a confiança e o crédito que as famílias depositam na escola diminuem na medida em que aumenta o índice de repetência dos alunos. Nas reuniões de pais, os responsáveis falam pouco e geralmente apenas escutam. Eles têm medo de suas reivindicações serem mal compreendidas e terem uma repercussão negativa sobre seus filhos. Outro motivo para o silêncio dos pais é a forma como essas reuniões são conduzidas, onde a equipe fala e aos pais cabe ouvir.

É necessário que a escola também mude sua postura e passe a ouvir mais a opinião das famílias. É viável mudar as estratégias de acesso destes pais à escola, através de um encaminhamento diferente das reuniões, bem como traçar novas formas de participação.

Muitas vezes, os pais não se conscientizam sobre a importância de seu apoio junto à escola e, com isso, não conseguem ver que a instituição escolar detém diversos objetivos a serem desenvolvidos em seus filhos. Um exemplo de proposta de escola que tivesse a família como parceira, é a Escola da Ponte, em Portugal. Nela, observamos um ótimo exemplo de instituição de ensino que busca, e consegue, integração com os pais de seus alunos:

Com os Encarregados de Educação, o que existia era uma relação individual, que raramente assumia formas institucionalmente mais organizadas, visando uma colaboração permanente. Aos pais, se eram chamados à escola, pedia-se castigo para o filho, ou contributo para reparações urgentes no edifício que albergava a escola. Na primeira vez que os pais foram convidados para uma reunião (em Outubro de 1976), entre duzentos alunos, apenas três pais responderam ao convite. Questionávamo-nos por que razão os pais iam à igreja, ao estádio, ao café e não vinham à escola. Quando encontramos resposta, ajudámos os pais dos alunos a fundar uma associação num tempo em que ainda não havia leis para as regular (site da Escola da Ponte, dezembro 2006).

É comum notar-se que, ao deixar seus filhos na escola, os pais transfiram toda a responsabilidade de educação desta criança aos educadores e à escola. Dessa forma, se a criança apresentar um comportamento que considerem "inadequado", os pais ainda atribuirão a culpa à escola, aos professores, ao convívio com os colegas, mas nunca assumirão tal responsabilidade.

No entanto, o fundamental para uma escola, para os professores e para os pais é descobrir e perceber que tanto as famílias quanto a escola desejam a mesma coisa, caminham para um só lugar, ou seja, preparar essas crianças para o mundo; para a vida.

Segue a história da Escola da Ponte.

Era preciso repensar a escola, pô-la em causa. A que existia não funcionava, os professores precisavam mais de interrogações do que de certezas. Concluímos que só pode haver um projecto quando todos se conhecem entre si e se reconhecem em objectivos comuns. Apercebemo-nos que um dos maiores óbices ao desenvolvimento de projectos educativos consistia na prática de uma monodocência redutora que remetia os professores para o isolamento de espaços e tempos justapostos, entregues a si próprios e à crença numa especialização generalista. Percebemos que se há alunos com dificuldades de aprendizagem, também os professores têm dificuldades de ensino. Obrigar cada um a ser um outro-igual-a todos, é negar a possibilidade de existir como pessoa livre e consciente. A escolinha era do "plano dos centenários", tinha duas salas e cada sala a sua entrada. Grandes males, grandes remédios! Num belo dia, vá de deitar abaixo a parede que as dividia. Limpada a calça, os putos espreitaram para o outro lado. Lá estavam meninas e meninos iguais aos do lado de cá... O buraco estava aberto e nem

pensar em tapá-lo. Veio o trolha a mando da Junta de Freguesia e fez do feio buraco um belo pórtico comum a dois universos que passaram a ser um só. Onde antes estava uma parede que dividia achava-se agora uma passagem que juntava.

## RELACIONAMENTO DOS ADOLESCENTES COM OS PAIS

O ideal é que os pais tenham seus filhos como uma causa pela qual são apaixonados e não como um compromisso, um trabalho sobre o qual têm que responder. (RYZEWSKI, 1998: 38)

A adolescência é uma fase da vida repleta de mudanças e descobertas. O desenvolvimento físico, o amadurecimento sexual, à procura pelo grupo, enfim, geram insegurança, agressividade e carência.

Segundo as idéias de Aberastury<sup>16</sup>, podemos dizer que o adolescente realiza três lutos fundamentais:

o luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo que não poucas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente de que ocorre no próprio organismo; o luto pelo papel e a identidade infantis, que o obriga a uma renúncia da dependência e da aceitação de responsabilidade que muitas vezes desconhece; e o luto pelos pais da infância, os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade (ABERASTURY, 1981: 10).

Nesta fase, o relacionamento com os pais, na maioria das vezes torna-se repleto de conflitos, pois os questionamentos dos jovens, bem como as decisões a serem tomadas pelos pais em determinadas situações, são complexos e muitas vezes conflitantes com a opinião dos filhos.

*Muitos pais querem antecipar questões aos filhos para evitar sofrimentos futuros... Mas o único método conhecido para se aprender algo é vivendo! Na realidade, a maioria dos problemas na relação entre pais e filhos baseia-se num conflito de poder. Os pais podem exercer o autoritarismo (quando o poder está em suas mãos) para atender suas próprias necessidades, ou fazer uso da permissividade, quando delegam o poder nas mãos dos filhos para fazerem o que desejarem. (Dra Cleide Vieira – psicóloga).*

É continua:

*Os pais dos adolescentes maiores tem dificuldades em estabelecer limites à tão almejada "independência" deles. Um dos erros mais comuns dos pais é recusarem-se a confiar ou negociar com eles essa independência gradativa, mantendo um domínio autoritário... mantém um "freio" firme e uma relação*

<sup>16</sup> ABERASTURY, Aminda. Adolescência normal. Trad. De Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

*com sérios atritos. Outros vão ao extremo e, com sua atitude liberal, cometem o erro de deixar os filhos fazerem o que quiserem, sem limites... (idem)*

O conflito básico da adolescência foi resumido por Aberastury<sup>17</sup> (1973) como:

Entrar no mundo dos adultos - desejado e temido - significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança. É um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento (1997: 153).

É importante que os pais tomem consciência de que sua relação com seus filhos adolescentes pode ter sido fortemente construída desde os primeiros anos de vida. Se desde pequena a criança foi acostumada a fazer tudo o que queria, se nunca lhe era imposto limites, se não foi habituada a seguir regras, certamente terá uma relação conturbada com os pais nessa fase.

A abordagem dos pais em muitos momentos é: *eu tenho que te ensinar*. Ambientes onde não se deixa espaço para o diálogo e a mútua compreensão dificultam ainda mais esta relação. É primordial neste tipo de relacionamento uma resolução conjunta, a busca de soluções conciliatórias para que tanto as necessidades dos pais quanto à dos filhos sejam atendidas. O papel dos pais consiste em apoiar, compreender e dialogar com seus filhos. "Se o diálogo não for bem conduzido, terá mais cara de intromissão do que de diálogo. Diálogo precisa ter intervalos, ou seja, não pode ser discurso. O diálogo só tem fundamento se tiver bastante ouvir." ( RYZEWSKI, 1998: 49)

O trabalho dos professores com adolescentes, não pode prescindir de um exame da família e das condições sociais em que vivem, pois as situações críticas por que passam estão intimamente relacionadas com as dificuldades do grupo familiar.

O relacionamento com os filhos, principalmente quando estes se tornam adolescentes, deve ser visto como prioridade no âmbito familiar. A adolescência é uma fase marcada por uma grande questão de busca de identidade, por isso, os pais devem ficar bastante atentos a tudo o que acontece na vida dos filhos, tentando ao máximo participar de suas experiências, aceitando suas opiniões e respeitando sua autonomia.

---

<sup>17</sup> Cap. "E o tempo passa. O ciclo vital da família" do livro . SOUZA, Ana Maria. A família e seu espaço. São Paulo: Agir, 1997

*É muito complicado o relacionamento do adolescente com seus pais. Eles sempre acham que nós estamos errados, e as facilidades que os filhos são criados, com acesso a tudo muito fácil, TV, Internet, viagens, enfim muita informação acaba atrapalhando os estudos e o relacionamento com a família. Isso gera muitos conflitos, que são muito complicados de se resolver. Isabela vai fazer 15 anos e resolvemos dar de presente uma viagem para a Disney. Porém, ela vai mal no colégio, mas por pura preguiça de estudar. Fico triste, pois percebo que ela não dá nenhum valor a todos os esforços que fazemos para pagar escola, handball, cursos de inglês. Estou ameaçando, dizendo que se não passar de ano, ela não irá. Na verdade, ela sabe que vai mesmo se não passar, pois já está tudo pago e ela sabe que o pai nunca irá cancelar a viagem, mas o que posso fazer? Já tentei conversar com ele, explicando que ela deve ser punida de alguma maneira, mas ele não percebe dessa maneira. Sei que tem adolescentes muito". mais difíceis de lidar do que ela. Muitos filhos mentem para a família, dizem que irão dormir na casa de determinada amiga e acabam indo para outro lugar. Os pais tentam compensar seus filhos quando há separação de casal, ou morte de um deles. Um exemplo, é uma adolescente amiga da minha filha. O pai dela, da classe média alta, órfã de mãe há cerca de um ano e meio, permite que a filha faça tudo o que quiser, alegando que a mesma é uma boa aluna e que a mãe morreu, e que ele deve fazê-la feliz, não impondo limites." (R M, mãe de I)*

Agora, segue a opinião de I sobre seu relacionamento com sua mãe:

*Minha mãe às vezes tenta conversar mas sempre acho que ela não ia querer me ajudar e sim impor sua opinião. Ai sempre acabamos brigando. Ela fica me comparando com minhas amigas, diz que sou a única que fico em recuperação... sempre joga na minha cara as coisas que faz pra mim, o que compra, etc. Tenho uma irmã de 5 anos que está sempre gritando, e minha mãe fazendo todas as vontades dela. Eu sempre sou a errada da história. Alice sempre tem razão. Acho isso um saco! Meu pai trabalha o dia inteiro e sempre chega em casa estressado, liga o laptop, senta na mesa e de lá só sai pra dormir... ( I M, 14 anos)*

Analisando o depoimento de mãe e filha, concluo que o relacionamento entre elas é bastante difícil. Não existe diálogo, ambas as partes não respeitam os limites,

Segue o próximo depoimento: *Meu relacionamento com meus filhos é maravilhoso! Eles gostam de estudar, não me dão trabalho. Quando digo não, geralmente não há brigas. ( A O, mãe de D O).*

Já D O declara: *É um relacionamento doido, porque uma hora um está de mal com outro e a outra fica botando toda responsabilidade do meu irmão em cima de mim, para mim é cada um com sua responsabilidade e pronto, se não é aquela briga. (D O, 14 anos)*

Nesse relacionamento, a mãe não percebe o real sentimento de seu filho. Enquanto ela imagina que tudo está maravilhoso, ele tem várias questões não resolvidas. Não há um diálogo sincero entre eles.

*Meu relacionamento com os adolescentes pode ser visto de duas formas distintas. Uma no trabalho, pois lido com uma clientela formada basicamente por jovens que vai dos 11 aos 23 anos, e por ser uma referencia musical, profundo conhecedor de vários títulos, sou muito respeitado e alguns sempre me consultam antes de fazer sua compra de CD. Devido a meu trabalho como produtor musical, trazendo grupos para tocar no Brasil, estou sempre em contato com os adolescentes que freqüentam esses shows. A outra visão seria do relacionamento com dois adolescente que moram comigo e são meus filhos. Devido ao trabalho, não me sobra muito tempo para dar a atenção que considero ideal a eles. Por conta disso, são educados pela mãe, restando a mim a mera função de pagar as contas. Só nos vemos à noite e por chegar cansado do trabalho, não consigo me dedicar como deveria, mas sempre pergunto como foram no colégio, como passaram o dia, o que jantaram... Posso melhorar mas isso vai depender de não trabalhar até tarde, o que hoje em dia está difícil. ( P R S, 41 anos)*

Segue depoimento de seu filho:

*Meu relacionamento com meus pais é normal. Me dou bem com os dois, embora converse mais com minha mãe.... acho que é natural, né?! Ate porque passo mais tempo com ela, já os horários do meu pai são complicados. (A, 16 anos)*

Muitos problemas e conflitos na adolescência e juventude estão ligados ao fato da desestrutura familiar. Sabe-se que vários fatores podem levar a essa desestrutura, como por exemplo, separação dos pais e de morte na família. A morte é uma quebra radical na dinâmica familiar, é uma separação geralmente traumática. Produz dor e por isso, exige tempo para a elaboração da perda e a aceitação do novo arranjo familiar.

Segundo J K, cuja mãe morreu de câncer no início de 2005: "quando minha mãe morreu, eu me tranquei no meu quarto e fiquei sem falar com ninguém. Minhas amigas sempre iam me ver, mas eu estava muito triste... Só voltei a falar e a sair aos poucos." (J K, 15 anos).

A separação de casais também é um evento doloroso para todos os membros da família. De uma maneira geral, os filhos querem ter seus pais unidos, e irão reagir com revolta, sofrimento a essa separação, pois exigira deles muitas perdas e adaptações: perda do convívio diário com um dos genitores, alteração no padrão de vida, como por exemplo, mudança de casa, escola, etc.

Segundo Wettreich<sup>18</sup>, autor de um guia para pais separados, geralmente eles sentem-se culpados e têm medo que seus erros destruam a vida de seus filhos.

<sup>18</sup> Marcos Wettreich é pai separado, empresário e escritor.

O bom relacionamento do casal, após a separação é fundamental para que a experiência seja menos traumática para a criança.

A minha relação positiva com a mãe de meus filhos era uma das maiores razões para a paz e o entrosamento que eu conseguira no convívio com as crianças. E como alcancei essa relação positiva? Negociando com bom senso. (WETTREICH, 2006: 28).

Ainda de acordo com Marcos Wettreich, no Brasil uma pesquisa do IBGE indica que de 1991 a 2002, as separações aumentaram 59,6%. De acordo com essa pesquisa, os casamentos costumam durar cerca de 10 anos. Seja por problemas financeiros, vícios do cônjuge ou desgaste da relação, a cada ano que passa mais casais optam pela separação. Na grande maioria das vezes, são as mulheres que dão o primeiro passo: pesquisa de 2003 revela também que 72% dos pedidos de separação são feitos por elas ( e em 90% dos casos, as crianças ficam com elas).

No meio disso tudo, nem sempre as crianças recebem a atenção e o cuidado necessários num momento como esse. De acordo com uma das adolescentes entrevistada e que os pais são separados, *o relacionamento com meus pais não é muito bom. Eles se separaram faz quase um ano e ainda não me acostumei com a idéia. Pra piorar, meu irmão é extremamente ciumento, ele acha que tem que fazer o papel de pai para mim* (D M, 14 anos).

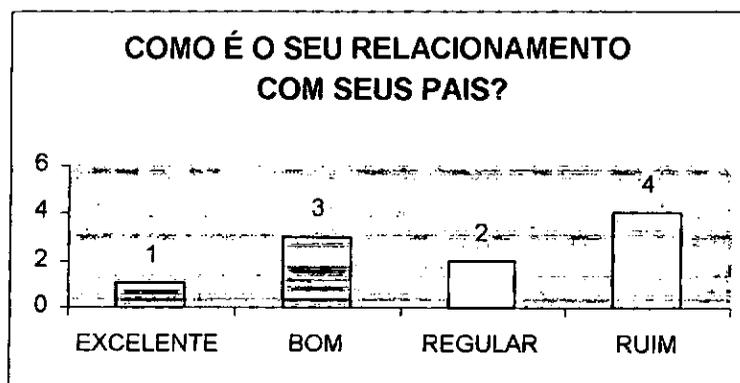
O convívio com pais separados é uma realidade para muitos adolescentes e jovens. A separação traz muitos conflitos na família, e essa adaptação às mudanças faz com que os jovens muitas vezes se rebelem por não querer aceitar.

Analisando o resultado dos questionários, dos 10 adolescentes entrevistados, apenas 1 considera seu relacionamento com os pais excelente, 3 bom, 2 regular e 4 consideram ruim. Segundo Vilela<sup>19</sup>, o adolescente deve aprender a administrar seu relacionamento com seus pais de forma que todos saiam ganhando.

Gráfico 1:

---

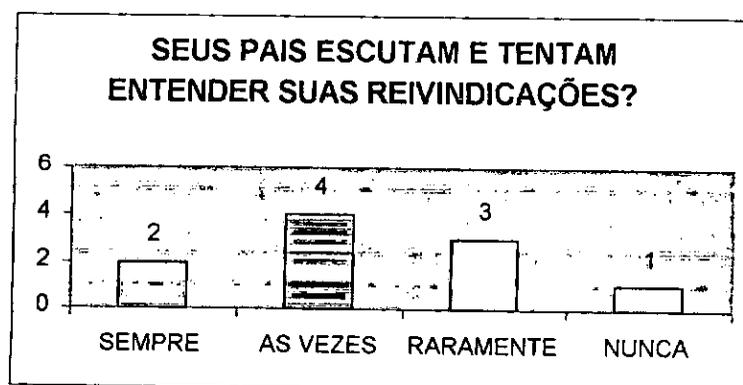
<sup>19</sup> VILELA, Antonio Carlos. Mais coisas que toda garota deve saber. São Paulo: Melhoramentos. 1998



Quando perguntados se seus pais escutam e tentam entender suas reivindicações, o resultado foi o seguinte: 2 sempre, 4 às vezes, 3 raramente e 1 informou que seus pais nunca lhe dão ouvidos.

Uma dica importante, ainda segundo Vilela, é que os filhos evitem que seus pais se preocupem com eles, procurando respeitar os horários combinados, telefonando quando chegarem em determinado local. "Evitando que eles se preocupem, você estará ganhando sua confiança. Conquistando a confiança de seus pais, você estará conquistando mais liberdade. Rebeldia não leva a nada. Usar a cabeça sim." (VILELA, 1998: 37)

Gráfico 2:

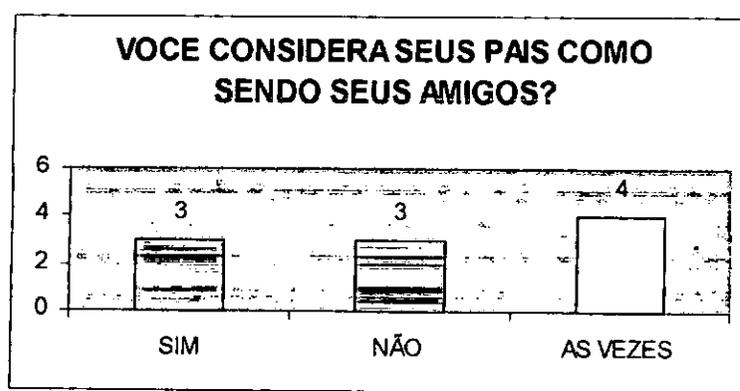


Já na relação de amizade entre pais e filhos, apenas 3 acreditam que os pais não são seus amigos. Os outros 7 responderam que sim ou às vezes. O próprio adolescente, apesar de ter muitos conflitos com a família, reconhece sua importância para seu desenvolvimento e para sua segurança. Sabe que é na família que sempre encontrará apoio, ou pelo menos, espera que assim seja. O conflito acontece

quando o adolescente passa a não reconhecer o caráter acolhedor que ele espera da família.

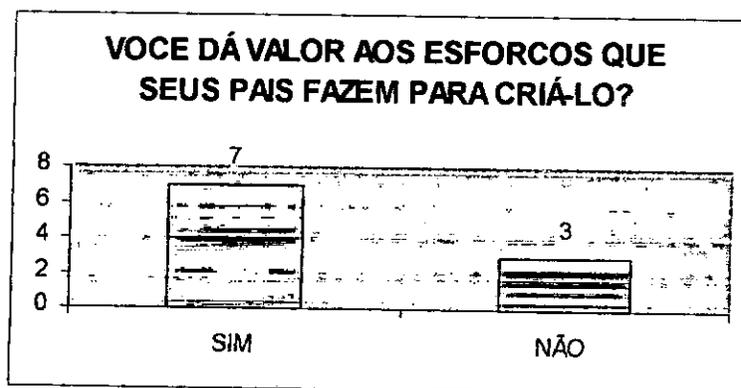
Enfim, mesmo com todos os possíveis conflitos e desavenças, de uma forma geral, a família continua sendo um espaço valorizado pelos adolescentes e jovens, sobretudo porque, diferentemente do espaço público, ela aparece como um espaço de solidariedade.

Gráfico 3:



Ainda de acordo com a entrevista, 7 dos adolescentes reconhecem os esforços que seus pais fazem para criá-los. Os outros 3, que disseram não reconhecer foram os que se mostraram mais revoltados com os pais.

Gráfico 4:



Seguem alguns dos depoimentos dados pelos adolescentes sobre seu relacionamento com seus pais:

*Meus pais são separados.... moro com minha mãe e somos muito amigas. Vejo a meu pai pouco, mas temos um relacionamento bom. (J M, 13 anos).*

*Meus pais nunca foram casados. Moro com minha mãe e é muito difícil conviver com ela porque brigamos muito, pois sempre pensamos muito deferente uma da outra. (C, 17 anos)*

*Ah, super tranquilo... meus pais não esquentam muito com nada. acham que eu sei bem o que é bom ou não pra mim.... me dão liberdade pra escolher e quase sempre me apóiam em tudo. Acho q formamos uma família bem feliz perto de muitas outras que vejo por ai. Tenho uma irmã e convivemos todos muito bem. (G V, 16 anos)*

*É normal. Moro com meus pais e meus irmãos. fazemos aquelas coisas que as famílias faziam antigamente e não fazem mais, como assistir tv juntos na sala, jantar todos os dias juntos, etc. Gosto disso. Não entendo como tem gente que mora na mesma casa e não sabe o que está acontecendo na vida do outro. isso pra mim é estranho, embora eu saiba que seja muito comum. Claro que as vezes acontecem alguns estresses, mas nada muito exagerado. (J L, 17 anos)*

*Horível, meus pais nunca escutam o que eu digo, pensam que ainda sou criança. tentam me controlar de todas as maneiras. Não vejo como eles sendo meus amigos. (L, 15 anos)*

*Minha mãe é muito louca e acha q pode me culpar por todos os problemas dela.... meu pai saiu de casa porque não agüentava mais.... e agora quem atura sou eu. não vejo a hora de fazer 18 pra ir embora também. (R, 17 anos)*

Enfim, os resultados da pesquisa nos fazem refletir sobre os fatores de uma melhor ou pior qualidade de relacionamento entre adolescentes e seus pais. Uma constatação interessante foi com respeito à idade dos jovens e a relação que estes estabelecem com os membros de sua família. Os adolescentes mais novos tendem a manter uma relação de proteção, cuidado e maior satisfação com seus progenitores, enquanto que os mais velhos estabelecem um vínculo de maior independência destes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado teve como principal objetivo estabelecer uma melhor compreensão sobre a influência da família no desenvolvimento do sujeito, nos aspectos de relacionamento familiar e escolar.

Através das leituras realizadas, foi possível constatar que a família, como base da formação educativa, precisa oferecer condições necessárias ao desenvolvimento da pessoa em todos os sentidos, visando prepará-la para as várias etapas de sua vida.

Diante dos desafios impostos pela mudança de valores, e da complexidade atribuída à modernidade e à pós modernidade, é compreensível que a família encontre algumas dificuldades. Isto se deve principalmente ao fato de que a própria família tem dificuldade em acompanhar a rapidez destas mudanças, que, por sua vez, já estão inseridas na realidade dos filhos.

Baseada nos resultados deste estudo, pude concluir que as mudanças da configuração familiar, levam à mudanças na estrutura e funcionamento da família, principalmente no que se refere às funções básicas de educação, proteção e afeto.

São inúmeras as possibilidades de favorecimento na educação dos filhos que qualquer uma das configurações familiares pode oferecer, desde que suas relações se baseiem na confiança e no afeto, até que as crianças ou adolescentes possam ser suficientemente independentes de seu núcleo familiar.

Este trabalho monográfico não encerra, de maneira alguma, o tema analisado. Ao contrario, abre espaço para todos que tiverem interesse e estiverem dispostos a conhecer mais sobre a importância que a vida familiar representa para uma criança.

Enfim, o conceito de família estruturada, muito já não tem a ver com a existência de um pai, uma mãe. Hoje, família estruturada significa lugar de diálogo, de amor e de compreensão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Rinaldi, Dori. **Afinidade Humana: Algumas reflexões sobre o tema da morte.** Revista do S.S. e Sociedade nº51. São Paulo: Cortez, 1996
- RYZEWSKI, L.A. **Adolescente sem estresse.** São Paulo: Paulinas, 1998
- FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada.** Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- FERNANDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação.** Tradução Neusa Kern Hichel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed. 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saber necessários à prática educativa.** 9 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- RUGEN, Samantha. **Coisas que toda garota deve saber.** São Paulo: ed. Melhoramentos, 1994.
- VILELA, Antonio Carlos. **Mais coisas que toda garota deve saber.** São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- MALDONADO, Maria Teresa. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir.** Petrópolis : Vozes, 1981.
- DOLTO, Françoise. **Quando surge a criança.** Campinas: Papyrus, 1997
- BOCK, Ana M. Bahia, FURTADO, Odair e TEIXEIRA, M<sup>a</sup> de Lourdes T. **Psicologias – Uma introdução ao estudo de psicologia.** São Paulo: Saraiva, 1999.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000
- WETTREICH, Marcos. **Manual de mães e pais separados.** Guia para a educação e a felicidade dos filhos. São Paulo: Ediouro, 2006.
- ABERASTURY, Arminda. **Adolescência normal.** Trad. De Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- SOUZA, Ana Maria. **A família e seu espaço.** São Paulo: Agir, 1997.
- LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise.** Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo.** Ensaio de análise de uma função em psicologia. Tradução Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Junior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

- COLL, César; SOLÉ, Isabel. **A interação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem.** In.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A (Org). Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 (Psicologia da Educação, v.2)
- COSTA, Sergio R. **Andaimagem: uma metáfora em construção.** Educação em foco. Juiz de Fora, UFJF, v.3, n.2, set./fev.1998
- OLIVEIRA, Marta K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico.** 2.ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- PENTECORVO, Clotilde; AJELLO, Ana M; ZUCCHERMAGLIO, Cristina. **Discutindo se aprende: interação social, conhecimento e escola.** Porto Alegre: Artmed, 2005.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991
- COLLOMINA, R; COLL, César. Interação entre alunos e aprendizagem escolar. IN: CASTRO, Claudia V; CORRÊA, Maria Ângela M; RAMOS, Maria Alice. **Interação entre os pares no contexto escolar.** Rio de Janeiro: 2006 (Tópicos em Educação Especial. v.2)
- COLL, César; PALACIOS, A. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação.** Porto Alegre: Artmed, 1996 (Psicologia da Educação, v.2)
- COLL, César (Org.). **O construtivismo na sala de aula.** 6.ed. São Paulo: Atica, 1999
- CASTRO, Claudia V; CORRÊA, Maria Ângela M; RAMOS, Maria Alice. **Interação professor/aluno.** Rio de Janeiro: 2006 (Tópicos em Educação Especial. v.2)

## ANEXO

## Anexo 1: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ADOLESCENTES:

- 1) COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM SEUS PAIS?  
 EXCELENTE  
 BOM  
 REGULAR  
 RUIM
- 2) SEUS PAIS ESCUTAM E TENTAM ENTENDER SUAS REIVINDICAÇÕES?  
 SEMPRE  
 ÀS VEZES  
 RARAMENTE  
 NUNCA
- 3) VOCÊ CONSIDERA SEUS PAIS COMO SENDO SEUS AMIGOS?  
 SIM  
 NÃO  
 ÀS VEZES
- 4) VOCE DÁ VALOR AOS ESFORÇOS QUE SEUS PAIS FAZEM PARA CRIÁ-LO?  
 SEMPRE  
 ÀS VEZES  
 RARAMENTE  
 NUNCA
- 5) ESCREVA UM BREVE RELATO SOBRE SEU RELACIONAMENTO COM SEUS PAIS:



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): centia maria campos Ruvende

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: OS VALORES FAMILIARES E O

DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO NOS ASPECTOS PESSOAIS  
E ESCOLARES

ORIENTADOR: RITA LANSO

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador

Professor convidado: ~~Rita~~ Francisco Ramos de Faria

Nota: 9.5 (boa intenção e nível de anos)

Considerações:

A construção do trabalho partiu  
de uma vivência o que muito o  
enriqueceu; além das elaborações  
realizadas na bibliografia  
estudada.

O estudo de campo traz considera-  
ções interessantes para se refletir  
sobre o desenvolvimento prático  
no contexto da escola.

# Avaliação de Monografia

Aluna: Cintia Campos Resendi

Título: Os valores familiares e o desenvolvimento do sujeito nos aspectos pessoais e escolares

Nota: Dez (10.0)

Considerações

Trabalho bem elaborado, coerente e desenvolvido de forma original. Tema importante no contexto educacional.

Parabéns à aluna.

M. Inês M. Costa  
19/12/2009



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Cintia Maria Campos Resende

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: OS VALORES FAMILIARES E O

DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO NOS ASPECTOS PESSOAIS  
E ESCOLARES

ORIENTADOR: Rita Maria

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Terceiro avaliador

Professor da disciplina: Ligia Martha Coelho

Nota: 9,0

Considerações:

O estudo contém vários elementos de um trabalho mono-  
gráfico. No entanto, seria interessante que a introdução descrevesse a me-  
todologia utilizada e apontasse as principais questões de pesquisa. As rep-  
nências estão fora da ordem alfabética.

LMC

Nota Final: 9,5 LMC